



A informação dos enfermeiros especialistas e a aplicação das técnicas não farmacológicas no controlo da dor.



Autores: Teresa Isaltina Gomes Correia*, Ana Luiza Silva de Moulaz **

* Instituto Politécnico de Bragança- Escola Superior de Saúde. Professora Coordenadora, teresaicorreia@ipb.pt; **Instituto Politécnico de Bragança- Escola Superior de Saúde. Enfermeira, Mestre em Enfermagem de Saúde Materna e Obstetrícia, anamoulaz@gmail.com.

Introdução: A dor do parto é uma experiência individual e que sofre transformação durante as fases de trabalho de parto¹. O estudo da dor em obstetrícia tem a responsabilidade de desmistificar a supervalorização do medo da dor e as suas repercussões, principalmente no final da gestação com a proximidade do parto². Desta forma, o controlo da dor em obstetrícia é, também, uma importante ferramenta para a humanização do parto e nascimento, como preconiza a OMS³.

Objetivo: Correlacionar a informação dos enfermeiros especialistas em saúde materna e obstetrícia com a aplicação das técnicas não farmacológicas realizadas.

Métodos: Estudo transversal e correlacional, com uma amostra de 57 enfermeiros, de dois serviços de obstetrícia no Norte de Portugal. Foram excluídos os questionários incompletos, restando para a análise final 25. Foi aplicado um questionário adaptado de Sousa, (2009), constituído por duas partes: a primeira dizia respeito às variáveis independentes e a segunda à informação dos enfermeiros sobre as técnicas não farmacológicas (TNF) no controlo da dor. A análise estatística foi realizada no programa *Numbers da Mac*, versão 5.1.

Resultados: Relativamente aos enfermeiros especialistas que possuem formação específica sobre a dor e TNF, 60% deles aplica sempre TNF, 30% em pelo menos 50% das parturientes e apenas 10% refere nunca aplicar TNF (correlação forte $R^2=0,72$).

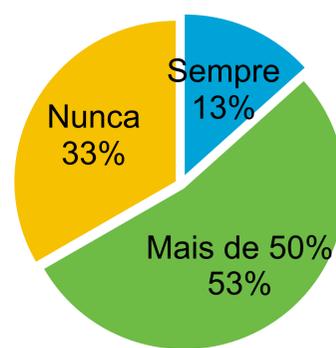
Tabela 1- Coeficiente de correlação entre a Formação específica sobre dor e TNF e a Frequência de aplicação das TNF

Formação específica sobre dor e TNF	Sempre	>50%	Nunca	R2
Sim	6	3	1	0,72*
Não	2	8	5	0,35 ‡

*Correlação forte
‡ Correlação fraca

Entre os que não possuem formação específica, cerca de 13% aplica sempre as TNF, aproximadamente 53% aplica, em pelo menos, 50% das parturientes e cerca de 33% nunca aplica TNF (correlação fraca $R^2=0,35$).

Gráfico 1 - Frequência da aplicação das TNF pelos Enfermeiros ESMO



● Sempre ● Mais de 50% ● Nunca

Discussão: No que diz respeito à correlação entre a Formação específica sobre dor e TNF e Frequência de aplicação das TNF, apresentou-se forte entre os Enfermeiros ESMO contemplados com a formação na abordagem da dor, conforme o esperado, e, por outro

lado, fraca entre os Enfermeiros ESMO sem formação específica sobre dor.

O que significa, de forma generalizada, que o défice apresentado pela falta de formação na abordagem da dor, não impediu os Enfermeiros ESMO de, ainda assim, aplicarem as TNF no controlo da dor em pelo menos 50% das parturientes.

Mais uma vez, corroborando com a premissa de que o Enfermeiro ESMO é fundamental e necessário para a Humanização do Parto e Nascimento proposta pela OMS², não só pelo conhecimento técnico-científico, mas, também, pelo seu olhar diferenciado com o foco nas necessidades apresentadas pela mulher em trabalho de parto⁴.

Conclusões: Ainda que seja uma diretriz do Plano Nacional de Controlo da Dor, a maioria dos especialistas não foi contemplada com a formação, competências ou atualização sobre a dor nem sobre a aplicação das TNF. É importante reforçar a temática sobre o controlo da dor e as TNF nos currículos dos cursos de licenciatura e pós-graduação e na formação contínua nos serviços.

Descritores: enfermeiros especialistas; formação; técnicas não farmacológicas; controlo da dor; obstetrícia.

Referências: 1- Martensson, L.; Mcswiggin, M.; Mercer, J. US Midwives' Knowledge and Use of Sterile Water Injections for Labor Pain. *Journal of Midwifery & Women's Health*. American College of Nurse-Midwives. 2008; 53 (2); 2- Ministério da Saúde. Humanização do parto e do nascimento. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2014; 3- Pereira, R.R.; Franco, S.C.; Baldin, N. A dor e o protagonismo da mulher na parturição. *Rev Bras de Anestesiologia*. 2011; 61(3); 4- Odent, M. Pode a humanidade sobreviver à medicina? / Michel Odent; tradução Laura Uplinger, Izabel Aleixo - Rio de Janeiro (RJ): Instituto Michel Odent, 2016.